



NOTÍCIAS / COLUNAS

COLUNA ALEMANHA VOTA

Alemanha pode estar diante de uma guinada à esquerda

Surpreendentemente à frente nas pesquisas, social-democratas poderão colocar fim aos 16 anos da liderança conservadora da CDU de Merkel – com um governo mais focado na agenda social e no combate às mudanças climáticas.



Olaf Scholz, candidato social-democrata a chanceler federal, está na frente nas pesquisas de opinião

Finalmente! O tédio da campanha eleitoral alemã acabou. Os social-democratas (SPD, da sigla em alemão) e seu candidato a chanceler federal, Olaf Scholz, mal podem acreditar em sua sorte. O atual ministro das Finanças do gabinete de Angela Merkel [superou pela primeira vez](#) nas pesquisas seu rival conservador Armin Laschet, candidato da União Democrata Cristã (CDU), antes considerado um sucessor em potencial de Angela Merkel.

De acordo com a última pesquisa de opinião realizada pelo instituto INSA em 30 de agosto, com 25%, o social-democrata Olaf Scholz está 5 pontos percentuais à frente do democrata-cristão Armin Laschet. Em meados de julho, ainda era bem diferente: Laschet tinha 27%, enquanto Scholz, considerado pouco carismático, seco e desajeitado, estava com 16%.

O milagre social-democrata significa a iminência de uma verdadeira reviravolta política na Alemanha – para a esquerda. Porque se o SPD obtiver o maior número de votos nas eleições de 26 de setembro, ele está disposto a negociar a formação de um governo com todos [os partidos no Bundestag](#), menos com a conservadora CDU e a populista de direita AfD.

A cooperação com a AfD não é possível por razões de conteúdo e ideologia. Nem com a CDU, devido a questões programáticas e estratégicas. Nos 16 anos do governo de Merkel, os social-democratas governaram ao lado dos democrata-cristãos durante 12 anos. A renovação proclamada pelo SPD não pode, portanto, ocorrer com mais uma coalizão entre CDU e social-democratas.

CDU na oposição?

Conheça a nova DW



Assim chegariam ao fim não só os 16 anos da [era Merkel](#), mas também a era da liderança conservadora da CDU e a cooperação política entre CDU e SPD em nível governamental.

Quão de esquerda o novo governo em Berlim será depende das negociações com os potenciais parceiros de coalizão após as eleições. Mas já está claro que o futuro gabinete governamental incluirá não apenas social-democratas, mas também verdes.

E como uma coalizão entre social-democratas e verdes provavelmente não será suficiente para uma maioria no Parlamento, o SPD precisará muito provavelmente de um terceiro parceiro de coalizão. Se se aliar ao Partido Liberal Democrático (FDP), próximo do empresariado, haverá um governo de centro. E se for formada uma coalizão com o socialista A Esquerda, a balança penderá mais para a esquerda.

Mesmo que a busca por um potencial terceiro parceiro de coalizão à primeira vista pareça um detalhe político, ela pode ser decisiva para o rumo político da Alemanha nos próximos quatro anos. Pois o aumento do salário mínimo, uma maior tributação do patrimônio, o fim de voos domésticos na Alemanha e se as usinas a carvão serão desativadas no curto prazo, tudo isso não depende apenas do SPD e dos verdes.

Maior liberdade de mercado ou mais regras?

Enquanto os liberal-democratas, por exemplo, priorizam o mercado e as inovações técnicas na política climática, A Esquerda tem um curso bem oposto. De acordo com seu programa partidário, ela quer "quebrar o poder dos bancos e dos mercados financeiros", "socializar as grandes empresas de energia" e proibir empresas de energia "com sede na Alemanha de construir novas usinas de carvão e linhito no país e no exterior".

Independentemente de quem seria o terceiro parceiro da coalizão, já está claro que a política energética e climática será uma marca do futuro governo. Pois já na primeira coalizão vermelho-verde (entre SPD e Partido Verde), sob o chanceler federal Gerhard Schröder (1998-2005), fez-se história: em 14 de junho de 2000, Berlim acordou com as empresas de energia o [fim gradual da produção de energia nuclear](#).

Foi também o então chanceler federal Schröder que cortou maciçamente os gastos sociais, diante do aumento do desemprego e da dívida pública. A reforma dos benefícios de desemprego introduzida durante seu governo, chamada Hartz IV, levou a perdas para o SPD nas eleições de 2005. Schröder renunciou, mas seu partido permaneceu no poder mesmo assim, como parceiro júnior da CDU sob a chanceler federal Angela Merkel.

Desta vez, também parece que o SPD pode continuar no governo. Um renascimento social-democrata que ninguém esperava, muito menos a CDU, que estava certa de seu retorno à Chancelaria Federal, graças ao bônus Merkel.

Cinco dos oito chefes de governo desde a fundação da República Federal da Alemanha, em 1949, foram democrata-cristãos. Os social-democratas poderiam agora fornecer o quarto chanceler federal para a Alemanha. Quatro semanas antes das eleições, as coisas estão começando a ficar emocionantes! Finalmente!

Astrid Prange de Oliveira trabalhou como correspondente no Brasil e na América Latina por oito anos. Para a DW Brasil, ela escreveu a [coluna Caros Brasileiros](#) durante três anos. Agora, com a [coluna Alemanha vota](#) ela retorna como observadora da campanha eleitoral alemã. Siga a jornalista no Twitter: [@aposylt](#)

O texto reflete a opinião do autor, não necessariamente a da DW.





LEIA MAIS

Sob risco de não eleger sucessor, Merkel ataca candidato social-democrata

Com aliado conservador em apuros nas pesquisas, chanceler federal passa a criticar social-democrata Olaf Scholz após o candidato não descartar formação de coalizão com o partido A Esquerda caso vença a eleição.

Carta de amor à democracia

A ultradireita alemã adora atacar o voto por carta. Mas a adesão entre os eleitores do país é enorme e cresce a cada pleito, sem danos à estabilidade e ao debate político, escreve Astrid Prange.

A Alemanha está exausta

Quem vai suceder a Merkel? O eleitor alemão não parece ligar para essa pergunta. A campanha está um tédio. Grande parte da população sofre com a pandemia e outras crises e se cansou da política, escreve Astrid Prange.

Ultradireita alemã: pequena nas urnas, gigante nas redes sociais

Mesmo estagnada em intenções de voto no mundo "offline", AfD monopoliza engajamentos nas redes, enquanto siglas tradicionais patinam na área. Seu trunfo: declarações ultrajantes e incentivos do algoritmo do Facebook.

Data 31.08.2021

Autoria Astrid Prange

Assuntos relacionados [Angela Merkel](#), [Eleições na Alemanha 2021](#)

Palavras-chave [eleições na Alemanha 2021](#), [Armin Laschet](#), [Olaf Scholz](#), [Angela Merkel](#), [Coluna Alemanha vota](#), [Astrid Prange](#), [Gerhard Schröder](#)

Feedback : [Envie seu comentário!](#)

Imprimir [Imprimir a página](#)

Link permanente <https://p.dw.com/p/3ziss>

